

IR. MARIA CELESTE FERREIRA
Seduzida pela Santíssima Trindade



*Congregação
Servas da Santíssima Trindade*

Copyright© Congregação das Servas da Santíssima Trindade, 2016

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem a autorização prévia por escrito das autoras, poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados.

EDITOR João Baptista Pinto
REVISÃO Rita Luppi
PROJETO GRÁFICO Rian Narcizo Mariano
ORGANIZAÇÃO Ir. Helena Teresinha Rech

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

I67

Irmã Maria Celeste Ferreira : seduzida pela Santíssima Trindade / organização Helena Teresinha Rech. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2016.
il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-7785-469-1

1. Ferreira, Maria Celeste, Irmã. 2. Biografia cristã - Brasil. 3. Santíssima Trindade. I. Rech, Helena Teresinha.

16-33913

CDD: 922
CDU: 929:28(81)

LETRACAPITAL

Tel: (21) 2224-7071 / 2215-3781
vendas@letracapital.com.br
www.letracapital.com.br

Congregação das Servas da Santíssima Trindade

Irmã Maria Celeste Ferreira
Seduzida pela Santíssima Trindade



Apresentação

É uma alegria enorme termos em nossas mãos esta primeira biografia de nossa fundadora, Irmã Maria Celeste. Ela muito vai nos ajudar a reavivar a nossa memória para que não a esqueçamos nunca e, principalmente, não esqueçamos o que ela nos deixou como herança: o amor à Santíssima Trindade e o compromisso de torná-la mais conhecida e amada, como também o mistério de sua Inabitação. Certo autor, que não me disseram quem, afirmou que uma pessoa só morre quando é esquecida, quando ninguém mais lembra dela. Por isso nossa fundadora não morreu e nunca morrerá, enquanto houver uma Serva viva. Aí está um dos objetivos desta biografia. Mas não somente ela deve ser lembrada para nós, mas também sua biografia servirá para que outras pessoas a conheçam e se interessem pelo amor à Santíssima Trindade e se tornem suas anunciadoras. Esta biografia será muito útil para as animadoras vocacionais, para as jovens que estão sendo acompanhadas, para os grupos de trinitárias(os) leigas(os) e para todas as pessoas, como um testemunho de alguém que doou sua vida à vontade e aos planos da Trindade Santa.

Agradecemos muito à equipe que redigiu e organizou o texto. Que a Trindade amada as abençoe e que Ir. Maria Celeste esteja de “olhos fixos” em vocês, acompanhando-as na missão e vocação de Servas.

Que possamos seguir os passos de nossa fundadora na realização da missão que a Trindade nos confiou, sem nos afastar de sua finalidade própria.

Tudo para a Glória da Trindade!

Ir. Rosa Maria Gomes

Servidora Geral

Sumário

Introdução.....	9
Deus Trindade presente na história.....	11
1915 – Nascimento de Maria Celeste.....	13
Família, infância, adolescência	15
Tempo de estudos.....	17
Juventude.....	18
Descoberta da vocação Trinitária	19
Sua decisão de vida e a escolha de um caminho.....	21
1933 - Viagem para a Bélgica e ingresso no Convento	23
1940 De volta ao Brasil... Em sua cidade natal.....	26
Um coração orante, agradecido, buscando a vontade do Pai.....	28
Inspiração original e fundação da Congregação das Servas da Santíssima Trindade.....	30
Casa onde nasceu a Congregação.	33
Primeiro grupo de Irmãs	35
Dificuldades encontradas no início da Congregação... 36	
Finalidade, espiritualidade e missão das Servas.....	38
Mulher inovadora, de um coração largo.....	41
Maria Celeste buscadora incansável.....	43
Maria Celeste - Coração missionário, vida de peregrina da Trindade.....	46
1977 e 1978 - Experiência de itinerância missionária..	48

O entardecer ou a plenitude da vida.....	51
A Congregação e seu Carisma.....	57
Primeiras fundações	59
Expansão da Congregação	60
Palavras finais	62
Testemunhos sobre vida de Irmã Maria Celeste.....	64
Anexos - Orações compostas pelas irmãs.....	84

Introdução

Uma breve memória do século XX nos ajudará a situar o contexto histórico do século em que Maria Celeste Ferreira nasceu, viveu e fundou a Congregação das Servas da Santíssima Trindade.

Historicamente, um século marcado por grandes mudanças no cenário mundial: duas guerras mundiais, mudanças políticas, sociais, culturais e religiosas. Como destaque a ciência, tecnologia, emancipação da mulher e a violência. As descobertas científicas e tecnológicas trouxeram grandes mudanças no modo de pensar e viver, especialmente a contribuição na área da Medicina e a compreensão do ser humano e do universo. Chegamos até a Lua. A emancipação da mulher que ocupa seu espaço na sociedade, na política e religião. O século XX foi o mais violento da história. Drogas, roubos, sequestros, mortes. Segregação racial, o ódio e discriminação, guerras e ditaduras. Mundo globalizado, sociedade secularizada.

Na Igreja, o Concílio Vaticano II, as Conferências Episcopais Latino-Americanas (Medelín, Puebla, Santo Domingo). Início da Teologia da Libertação e da leitura popular da Bíblia (CEBI). Surgimento das Conferências de Religiosos: a Conferência Latino-Americana de Religiosos (CLAR), a União Internacional de Superiores Gerais (UISG), a União de Superiores Gerais (USG), e as conferências nacionais. No Brasil, a Conferência Nacional dos Religiosos do Brasil (CRB), a única do mundo a congregar a vida consagrada feminina e

masculina e a fundação da Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB).

Vale destacar que Ir. Maria Celeste participou da fundação da CRB Nacional e da União das Superiores Gerais Brasileiras (USGCB), e quando a UISG foi fundada em Roma, foi eleita conselheira da entidade. Isto, pela sua cultura, conhecimento de Vida Consagrada e por falar fluentemente o francês e o italiano.

O século XX, marcado por mudanças profundas que afetaram e enriqueceram o mundo e a humanidade em tantos aspectos, foi, igualmente marcado por grandes desafios, conflitos, sofrimentos, mortes... e gritos de libertação que emergem de nossa “Casa Comum” e da “Comunidade de Vida”.

Deus Trindade presente na história

Deus Trindade, em seu infinito amor, nunca nos abandona e sempre ouve o clamor de seu povo. Ao longo da história, escolhe, convoca e envia pessoas carismáticas: cientistas, profetas, guias espirituais, mestres, gurus, fundadores de congregações e ordens religiosas para ajudar o povo, revelar seu amor misericordioso, interpretar os “sinais dos tempos”, curar, guiar, consolar, salvar.

Foi nesse tempo de graça, desafio e grandes transformações vividas no século XX que Deus Trindade contempla a humanidade e a realidade e, no Brasil, na cidade de São Paulo, escolhe o toca o coração de uma jovem. Coração sensível e abrasado de amor por Ele e pelo desejo de revelar o seu amor misericordioso a todas as pessoas. Com apenas 15 anos, Maria Celeste Ferreira declara-se seduzida pela Santíssima Trindade: *“Compreendi que só Deus poderia saciar minha sede de um amor absoluto”*. Com coragem e ousadia decide entregar toda sua vida à Trindade na Vida Consagrada, para resgatar a dignidade humana e anunciar a todas as pessoas que a Trindade habita nossos corações. Nunca estamos sós, pois a Trindade faz história conosco e se revela em nosso cotidiano. Somos morada da Trindade Santa.

Ao celebrarmos os 70 anos de fundação da nossa congregação, “Jubileu do Vinho”, compartilhamos e oferecemos a você, leitor e leitora, um pouco dessa linda história de amor de Ir. Maria Celeste Ferreira. Ao ler

este livro deixe ecoar em seu coração uma das suas frases que o Espírito do Pai e do Filho escreveu em seu coração: *“A Santíssima Trindade foi o grande amor que dominou toda a minha vida”*.

1915 – Nascimento de Maria Celeste



*Pais de Maria Celeste: Luiz Leme Ferreira e Zulmira da Silva Ferreira.
Casaram-se em Bragança/SP em 31 de janeiro de 1901.*

Convidamos você a voltar seu olhar para o ano de 1915. O que há de especial? Talvez você não se lembre de nada ou nem tivesse nascido.

A cidade de São Paulo se enfeita para o Natal. Luzes, vitrines, praças, igrejas... tudo respira festividade, clima natalino, confraternização, encontro, celebração, acolhida... até aqui nada de especial. Isto acontece em todos os natais com maior ou menor requinte e criatividade.

A novidade começa aqui. É a história de um grande amor. Envolvida no clima festivo do Natal, a família de Luiz e Zulmira Leme Ferreira vive um *advento* especial. Como Maria de Nazaré está grávida e espera o

Menino Jesus, Zulmira também está grávida e espera a sétima filha, a quem deu o nome de *Maria Celeste*. Um lindo nome e uma linda menina! Luiz e Zulmira estão grávidos e este seu *advento* se associa com *advento* do casal de Nazaré, José e Maria, que esperam a chegada de Jesus, o Libertador.

Maria Celeste nasce no dia 08 de janeiro de 1915, numa família numerosa e num ambiente socialmente abastado, onde além do carinho e união da família, nada lhe faltará. Sua família é profundamente religiosa e praticante da Fé cristã. Desde o berço, Celeste é envolvida pelo amor, carinho e o testemunho de retidão e solidariedade de seus pais, avós e familiares.

Com dois meses de vida, em 11 de março, Maria Celeste foi levada à pia batismal por seus pais e seus padrinhos, em Santos/SP. O padre derrama sobre sua fronte água e diz: “*Maria Celeste, eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*”. No mergulho das águas batismais, Celeste começa a fazer parte da comunidade eclesial como filha amada do Pai, irmã de todos os batizados e discípula de Jesus, pelo dom do Divino Espírito.

Família, infância, adolescência



Sua família é numerosa. São dez irmãos, sete mulheres e três homens. Estes são os filhos de Luiz e Zulmira: Luiz, Nelson, Afonso, Maria Ester, Maria Olinta, Maria de Lourdes, Maria Aparecida, Maria Celeste, Maria Celina, Maria José.

Sua infância e adolescência transcorreram na alegria, convivência com seus pais, irmãos, tios, primos e avós e sem preocupações econômicas, o que lhe possibilitou dedicar-se aos estudos primários, ginasiais e musicais desde muito pequena. Era apaixonada por música. Um de seus tantos dons. Dedicou-se com prazer, durante anos, ao estudo de piano. Tocava maravilhosamente desde os grandes clássicos até os contemporâneos. Inteligente e disciplinada, sempre teve facilidade nos estudos.

Adolescente vivaz tinha o desejo de ajudar as pessoas, de evangelizar, estar com os pobres. Em particular, aprender coisas diferentes, como quitutes, especialmente bolo. Em sua casa sempre houve várias empregadas, governanta, cozinheiras, lavadeira. Quando se dirigia à

cozinha no desejo de aprender a fazer bolo e outras coisas mais, as cozinheiras e governanta lhe diziam que não era necessário e seria melhor que fosse comer bombons e tocar o seu piano. E de fato, a música era sua grande paixão e enchia sua alma. Quem a viu tocar piano pode confirmar: ela tocava de corpo e alma. A música fazia todo seu ser musicado, estava inteira. Enquanto tocava, suas delicadas mãos pareciam bailarinas dançando sobre o teclado do piano. Saborear bombons, também era um de seus prazeres, bem como oferecê-los às amigas, visitas e às Irmãs, era sua alegria. Gostava de ser presenteada e presentear bombons e chocolates.

Tempo de estudos

Maria Celeste era uma pessoa inteligente, estudiosa e de muito bom gosto. Trajava-se com elegância. Contou que certa vez, achando-se em férias, em casa, resolveu ir ao Colégio Santo Agostinho, onde estudava, para ajudar uma de suas mestras, a quem muito admirava e sentia grande afeição. Mas a Irmã recusou sua ajuda por tratar-se de um serviço impróprio para “*sua toilette*”: encher com painas alguns travesseiros. Celeste voltou para casa chateada e decepcionada por não ter ajudado sua professora a quem tanto admirava e amava.

Essa “elegância” trazia-a de berço, própria de sua família e de sua posição social. Maria Celeste sempre soube conjugar elegância, simplicidade, despojamento, educação, sensibilidade e profunda intimidade com a Santíssima Trindade. Características vividas desde sua adolescência, e integradas ao longo de sua vida! Destaca-se nos estudos por sua dedicação, mas igualmente, pela facilidade. Aprendeu o francês e música desde menina. Tinha bom ouvido e sensibilidade.



Maria Celeste aos 15 anos.

Juventude

As férias eram o tempo de passear em Santos/SP, com suas irmãs e primas. Mas gostava mesmo de ir para as fazendas de seus avós, *Afonso Ferreira e Maria Salomé Leme Ferreira*, em Bragança Paulista/SP. Seu avô paterno costumava convidá-las para organizar “missões” para os colonos dos cafezais. Os cafezais constituíam, então, a grande riqueza do Estado de São Paulo. Celeste, suas irmãs e primas davam catequese com o objetivo de preparar os colonos para a Eucaristia, casamento e confissões. O cume dessa missão era a celebração da Missa e dos Sacramentos, realizados pelo sacerdote convidado por seu avô. Celeste vibrava com “as missões”. Elas aqueciam seu coração jovem, confirmando-a em seu desejo de uma entrega mais radical de vida. A evangelização e a catequese a atraíram, mas buscava sempre mais criar oportunidades e espaços para anunciar a presença e o amor de Deus Trindade na vida das pessoas. E mais, revelar a todos que a Trindade habita seus corações. Este sempre era seu maior desejo. Nessas buscas e desejos, Maria Celeste descobre-se vocacionada e quer se consagrar toda à Santíssima Trindade.

*Em 1932 - Bragança Paulista/SP
Durante as férias, missões
catequéticas com os empregados das
fazendas de café de seus avós.*





Descoberta da vocação Trinitária

Até os 15 anos de idade, Celeste permaneceu indecisa sobre sua vocação; entre a Vida Consagrada ou Matrimonial. Oscilava entre os dois estados de vida. Mas desde menina eno início da sua adolescência Maria Celeste sente-se seduzida pelo Amor da Santíssima Trindade.

Antes de terminar o ginásio, leu com grande interesse o livro *Memórias* de Irmã Isabel da Trindade. A Santíssima Trindade tornara-se, então, a grande paixão de sua vida. Aos 15 anos escreve em seu diário: “*Compreendi que só Deus poderia saciar a minha sede de um amor absoluto*”. Esta frase tornou-se a expressão de sua vocação trinitária e escolha pessoal, “*Tomei a decisão inabalável de seguir a Vida Consagrada. Ser toda da Trindade*” (Diário Espiritual).

No final da década de 1980, Ir. Gelza Maria Freitas Ribeiro conversa com Ir. Maria Celeste sobre Espiritualidade Trinitária. Nesse tempo, Ir. Gelza assumia a Casa de Formação, especificamente o noviciado. Por causa dessa missão esteve com Ir. Maria Celeste para

conversar sobre a origem da congregação, em especial sobre sua vocação trinitária e religiosa. As jovens noviças estavam ávidas por esse conhecimento. Em uma das conversas, Ir Gelza lhe perguntou: “Quando a senhora foi despertada e sentiu-se atraída pela Espiritualidade Trinitária?”

Ir. Maria Celeste lhe respondeu: “Como aluna das Cônegas de Santo Agostinho, do Colégio Iês Oiseaux, em São Paulo, antes dos meus 15 anos, li o livro Doutrina Espiritual de Elisabeth da Trindade, em francês. Fiquei fascinada por esta doutrina e pelo jeito simples e profundo que a Carmelita vivia a Inabitação. Quanto mais avançava na leitura, mais atraída eu me sentia pela Santíssima Trindade, presente em mim e nas pessoas. Como adolescente e apaixonada, eu não me separava desse livro. Certo dia fui à missa com minha mãe, e uma amiga dela me perguntou o que estava lendo. Depois que apresentei para ela o livro, ela se dirigiu a minha mãe e disse: ‘Com certeza ela não está entendendo nada’. E eu respondi baixinho para mim mesma: ‘Ela não sabe o que se passa em meu interior’. Estou entendendo e não é só entendendo, mas me apaixonando pela Santíssima Trindade que faz de mim o seu templo vivo. Como é fascinante viver constantemente em sua presença!”

Maria Celeste sentia que seu coração pertencia a Deus e não deixava que nada lhe embaçasse esse horizonte e seu ideal. Tinha certeza que era chamada a viver um grande amor, entregar-se ao Amor. Sua vocação, como a da jovem Carmelita, Elisabeth da Trindade, era *Amar*.

Movida e seduzida por esse grande amor toma sua decisão e escolhe seu caminho de vida.

Sua decisão de vida e a escolha de um caminho

Maria Celeste decidiu abraçar a vida religiosa aos 15 anos de idade, tão logo terminasse o ginásio. Ao comunicar sua escolha a seu pai, o mesmo, aborreceu-se, julgando-a demasiadamente jovem para tal decisão. Mas Celeste não volta atrás, está decidida e seu coração já pertence a Deus Trindade. Toma suas iniciativas e busca como e onde realizar sua “vocação trinitária” dentro da Vida Consagrada. Buscou conhecer congregações para responder a esse chamado de Deus; até pensou em se consagrar no Carmelo. Não encontrou em nenhuma Congregação o carisma e a espiritualidade trinitária com o qual seu coração ansiava e batia forte.

Em seu diário pessoal deixou registrado: *“Eu estava já decidida a deixar o*



mundo e suas vaidades o mais depressa possível, pois via claramente que só o absoluto de Deus podia preencher minha vida. E, de outro lado, tendo visitado outras congregações, convenci-me de que o ideal trinitário com o qual eu sonhava não existia em lugar nenhum”.

Após o término do ginásio, Maria Celeste passou um ano em casa sempre insistindo no seu projeto religioso. Finalmente seu pai consentiu com a condição de que ela fizesse antes uma viagem (na época, de navio) para conhecer a Europa: Itália, França e Bélgica. Ele pensava que uma viagem para conhecer outros países, poderia mudar sua decisão. Mas nada disso aconteceu. Celeste não queria passear e conhecer outros lugares, mas responder de todo coração e realizar-se no chamado da Trindade. Certa vez comentou com as irmãs: *“Esta foi a viagem mais vazia de sentido de minha vida”.*



No barco no rio Tietê, Maria Celeste (de boina branca) junto com sua irmã Maria de Lourdes (de chapéu) viajando para Santos para embarcar no navio em direção a Europa.

1933 - Viagem para a Bélgica e ingresso no Convento

O destino final da viagem: Bélgica. Afinal chegou à Jupille, dia 11 de maio de 1933. Foi grande a alegria ao rever sua irmã religiosa, Maria Aparecida, que a serenou provisoriamente. Adaptou-se rapidamente à vida do postulado, mas com o correr de tempo suas dúvidas voltaram.

Maria Celeste estava com 18 anos quando ingressou no postulado da Congregação das Cônegas de Santo Agostinho. A missão da congregação, dedicada à Educação, não a atraía, mas foi a congregação para a qual obteve licença paterna para ingressar, uma vez que sua irmã Maria Aparecida lá estava. E onde sua irmã Maria de Lourdes também ingressou. Eram três irmãs, três *Marias* na mesma congregação. E foi aí que fez todo o processo formativo para a Vida Consagrada até professar seus votos. Durante esse tempo Celeste passou por momentos de crise e muitas dúvidas sobre o seu lugar na vida consagrada e o tipo de congregação. Sentia-se inquieta e seu grande desejo era uma congregação voltada



para a Santíssima Trindade, em seu Carisma, Espiritualidade e Missão. Um sacerdote ao ouvi-la, ainda postulante, aconselhou-a a deixar a congregação das Cónegas e ingressar no Carmelo. Mas não era também o Carmelo que a atraía e preenchia seu coração sedento e apaixonado pela Trindade e seu desejo de anunciar a todas as pessoas que Deus Trindade habita seus corações.

Transcorrido o tempo do noviciado, Maria Celeste foi enviada pela sua Superiora a Louvain para fazer seus estudos universitários e lá permaneceu até 1939. Apaixonou-se pelos estudos e nunca mais teve dificuldades sobre sua vocação, apesar de muitas vezes achar que estava perdendo tempo estudando discussões sobre datas prováveis da composição de tal Canção de Gesta medieval, memorizando as complicadas leis da fonética histórica quando havia tantas pessoas que necessitavam do apostolado, do anúncio da Palavra e do amor infinito da Trindade.

No último ano que passou em Louvain, a Trindade utilizou-se de sua tese sobre Bourdalouve para colocá-la em contato com um jesuíta, Pe. Grausem, de cuja direção espiritual Maria Celeste beneficiou-se por algum tempo. O referido jesuíta teria futuramente uma bela missão junto à nossa congregação, revelando-nos a existência de Nossa Senhora da Santíssima Trindade. Quando soube da Fundação das Servas, presenteou Ir. Maria Celeste com uma imagem de Nossa Senhora da Santíssima Trindade. Numa de suas visitas a Jupille, nas vésperas de sua volta ao Brasil, Celeste falou-lhe sobre suas dúvidas que lhe voltavam sempre nos momentos em que se

sentia mais fervorosa; ele respondeu-lhe que essas aspirações a uma vida de maior recolhimento era um fenômeno muito conhecido de que Deus se servia frequentemente para chamar almas à maior santidade, mas dentro da própria congregação.

*1940 De volta ao Brasil...
Em sua cidade natal.*



Ao chegar ao Brasil, em 1940, entrou em cheio no cargo de religiosa educadora, lidando com alunas da alta sociedade, na maioria superficiais e sem grandes ideais. Foi professora da Faculdade Sede Sapientiae, da mesma Congregação. Suas dúvidas redobram. Apesar de recém-chegada, teve coragem de expor tudo à Madre Superiora de sua comunidade religiosa, em São Paulo. Esta a aconselhou a consultar o reverendo Pe. José Danti, Superior dos jesuítas e muito amigo da casa e das Irmãs. Este lhe perguntou se havia muito tempo que se achava na congregação. À sua resposta afirmativa, respondeu-lhe que depois de tanto tempo, precisava de uma manifestação muito explícita da vontade de Deus para poder deixá-la. De modo especial, depois de tudo quanto a

congregação fizera por ela. Isto significava justamente tocar no ponto vulnerável da questão: a gratidão pela congregação que a recebera. Resolveu, então, não pensar mais no assunto. Celeste era muito sincera. Mas como lutar com a Graça de Deus?

Sentia-se cada vez mais apaixonada pela Trindade, grande amor de toda sua vida. Buscar ser toda da Trindade, realizar sua vontade e anunciar seu amor. Como Cônega, no dia 13 de maio de 1942, obtendo autorização de seu diretor espiritual, Frei Emílio Wienk, da Ordem do Carmo, fez o voto de consagrar toda sua vida à glorificação da Santíssima Trindade e à difusão de seu culto. A oração que Ir. Maria Celeste redigiu para sua consagração:

“Meu Deus, que pela vossa infinita misericórdia, vos dignais habitar dia e noite no mais íntimo de meu ser, fazendo-me participar de vossa própria vida divina, eu vos agradeço por esse benefício inefável. Concedei-me a graça de desaparecer a mim mesma, a fim de que minha vida seja exclusivamente consagrada a vós e à missão que me confiastes. Iluminai minha inteligência para que eu possa ensinar a todos vosso amor e sua própria dignidade. Que o vosso amor consuma todo meu ser, a fim de que em mim só haja vós; e que cada ato de minha existência seja para vós uma oferta do vosso próprio amor.”

*Um coração orante, agradecido,
buscando a vontade do Pai.*



Maria Celeste era uma mulher que sabia ler os “sinais dos tempos”. Aberta à vontade do Pai, contemplava nos acontecimentos da vida cotidiana os sinais da Trindade e respondia à sua vontade com um coração agradecido. Isso a tornava uma mulher sensível, de alma delicada e um coração sempre agradecido pelos caminhos por onde a Trindade a conduzia. Tantas vezes “as demoras” de Deus a inquietavam muito. Tinha pressa e queria saber ou entender logo os desígnios da Trindade. Expressava sorrindo e olhando para o seu relógio: “*O relógio de Deus está sempre atrasado em relação ao meu... eu quero uma resposta logo*”. E acrescentava: “*Ele é eternidade, eu vivo no tempo*”, e sorria.

Maria Celeste permaneceu na Congregação das Cômegas de Santo Agostinho até 1945. Foram 13 anos intensamente vividos. Anos de buscas, de discernimento e de espera para que a Trindade lhe manifestasse

sua vontade a respeito de sua vida, vocação trinitária, onde e como realizá-la. Em tudo se entregava confiante nas mãos da Providência e mantinha um coração agradecido e sempre aquecido por um grande amor que a movia: glorificar a Santíssima Trindade em tudo.

Reconhecia com carinho e gratidão o plano amoroso da Providência que quis utilizar-se da Congregação das Cônegas para prepará-la e conceder-lhe uma formação espiritual, intelectual e religiosa profundas, antes de ser instrumento da Santíssima Trindade para a fundação da nova congregação. Registra em seus escritos:

“... com o recuo do tempo, tudo entendo: a Santíssima Trindade queria que me beneficiasse da esmerada formação de tão benemérita Congregação para preparar-me já de longe à minha futura missão. Como minha tarefa está simplificada pelo rico patrimônio religioso e intelectual armazenado durante 13 anos que aí passei.”

Inspiração original e fundação da Congregação das Servas da Santíssima Trindade

Inspiração original



Ir. Maria Celeste tinha certeza do chamado especial de dar em tudo “Glória à Santíssima Trindade” e, de sua missão de *anunciar* o amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo e sua Inabituação no ser humano. Mulher de escuta e interioridade, na oração e contemplação, está atenta e busca responder aos apelos de

Deus. A Palavra de Deus, os sinais dos tempos na vida cotidiana são a bússola apontando o “norte trinitário”. Sempre que rezava fazia uma pergunta em seu coração: *“Meu Deus, que mais posso fazer para lhe dar glória?”*

Em dezembro de 1942, último dia de seu retiro anual, aos 27 anos, Maria Celeste rezava pedindo ao Filho Jesus que a inspirasse sobre como dar o máximo de glória ao Pai. Sentia o desejo sempre crescente de doação e entrega. Nesse momento de oração e contemplação surge de forma nítida e clara em seu coração a inspiração de uma congregação dedicada inteiramente à glorificação da Santíssima Trindade. Sentiu-se feliz,

mas intuiu igualmente as dificuldades que encontraria em tal realização.

Mulher despojada, de profunda oração e discernimento; buscadora incansável da vontade do Pai; desejosa de sempre acertar em suas decisões; aberta ao diálogo e partilha de suas inspirações e apelos interiores, busca ajuda de pessoas experientes como mediações da Trindade para ajudá-la.

No dia seguinte, ao sair do retiro, conversou com seu confessor e acompanhante espiritual, Frei Emílio Wienk, que era então o capelão do colégio. Sentia-se envergonhada, ridícula de comunicar-lhe tal inspiração. Ele escutou tudo com muita calma, perguntou sua idade, achando-a muito jovem: 27 anos. Disse-lhe simplesmente que não falasse no assunto e guardasse em seu coração tal inspiração, pois se fosse tentação, o demônio acabaria desistindo; e se fosse realmente vontade de Deus, a fundação da congregação se concretizaria apesar de todos os obstáculos e dificuldades que surgissem.

Passos para concretizar a fundação

Maria Celeste propôs-se guardar bem na memória as circunstâncias em que lhe viera tal inspiração, para que sua nitidez a protegesse à maneira de um escudo, quando surgissem as dificuldades que previa. Com ternura, guardou em seu coração tal inspiração e foi gestando-a, qual filha, na oração e silêncio de sua alma, aguardando a hora de Deus. Seguiu fielmente a orientação de Fr. Emílio e aguardou a hora da Providência para concretizar o apelo da Trindade. Passaram-se mais

de dois anos, desde a inspiração original até os primeiros passos para a fundação da congregação.

Em fevereiro de 1945, Maria Celeste registra em suas anotações pessoais: “...sentindo uma força interior que me empurrava, abri-me com algumas autoridades, procurando conhecer claramente a vontade de Deus”. Conversa novamente com seu acompanhante espiritual, Fr. Emílio, que a confirma dizendo-lhe ser vontade de Deus a fundação; dialoga com suas Superiores e com as autoridades eclesásticas. Sua Superiora Geral, residente na Bélgica, concede-lhe a licença de sair da Congregação das Cônegas de Santo Agostinho com os votos religiosos, para concretizar a fundação da nova Congregação.

No dia 17 de dezembro de 1945, três anos após a primeira inspiração, Ir. Maria Celeste viaja com seu pai ao Rio de Janeiro para uma audiência com o Núncio Apostólico, D. Aloísio Mazzella. Este confirma a sua inspiração e pede que procure um bispo que aceite a fundação da nova Congregação em sua diocese.

No dia 22 de dezembro, estando ainda no Rio, tem uma audiência pessoal com o Cardeal do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara, ainda desconhecido para ela. Conta-lhe o seu grande desejo de concretizar o que a Trindade Santa lhe inspira e pede para realizar. O Cardeal D. Jaime ouve atentamente a Ir. Maria Celeste e mostra-se paternal e acolhedor, aceitando a fundação da nova congregação em sua arquidiocese. Após aceitação, oferece-lhe uma casa à Rua Almirante Alexandrino, 1.538, no bairro Silvestre, que foi realmente o “berço” da nova congregação.

Casa onde nasceu a Congregação.



Verdadeiro berço e lugar onde dá seus primeiros passos.

Ao redigir um documento dando-lhe a permissão e o consentimento para a fundação em sua arquidiocese, Dom Jaime a surpreende com uma pergunta: “Como se chamará a Congregação?”. Ir. Maria Celeste respondeu: “*Eu nunca havia pensado nisso. Em se tratando da Santíssima Trindade, só poderemos ser suas Servas!*”. E D. Jaime escreve: “***Congregação das Servas da Santíssima Trindade***”.

Ir. Maria Celeste retorna para São Paulo com seu pai e dá passos para concretizar a fundação da congregação.

No dia 25 de março de 1946, festa da Anunciação de Nossa Senhora, Ir. Maria Celeste com quatro aspirantes tomam posse da casa no bairro Silvestre, dando início à nova Família Religiosa.

A cerimônia de fundação realizou-se em 15 de junho de 1946, vigília da festa da Santíssima Trindade. Nessa data, Ir. Maria Celeste acolheu as quatro primeiras postulantes (foto abaixo) que, corajosamente renunciaram à toda segurança para se entregarem aos árduos trabalhos de uma fundação. Duas perseveraram: Aurora da Silveira, Clotilde Chiara.



Ir. Maria Celeste e as quatro postulantes, com D. Jaime de Barros Câmara. Em 15 de junho de 1946.

Primeiro grupo de Irmãs



Ir. Maria Celeste obteve a licença de sua Superiora Geral e do Papa Pio XII de deixar a Congregação das Cônegas de Santo Agostinho com os votos religiosos. Em 31/12/1947, ao renová-los, redige a fórmula dos votos como Serva da Santíssima Trindade.

Texto original, assinado por D. Jaime de Barros Câmara em 31/12/1947.

Ad Unitatē gloriam

Eu, Maria Celeste Fonseca, em Religião Maria da Sma Trindade, humildemente prostrada na presença da Sma Trindade, da Bemaventurada Virgem Maria, Rainha do Céu, de toda a Corte celeste e das Religiosas desta Casa, prometo a Deus e a Vós, Vossa Excelência D. Jaime de Barros Câmara e a todas as minhas legítimas Superiores, observar perpétuamente ^{os votos de} pobreza, castidade e obediência, segundo as Constituições e Regras da Congregação das Servas da Sma Trindade de S. Sebastião do Rio de Janeiro; prometo também consagrar toda minha vida à glorificação da adorável Trindade e à difusão do seu culto, trabalhando e sacrificando-me, segundo a obediência, pela santificação do Céu, pelo cultivo das vocações sacerdotais e religiosas, pela difusão do ensino da Religião.

Rio de Janeiro, 31 de Dezembro de 1947.
+ Jaime, Cardeal Arcebispo

Dificuldades encontradas no início da Congregação

Celeste, quando teve a inspiração da fundação, previu que muitas dificuldades iriam fazer parte desse caminho. E não foi poupada. Foi provada com desafios, incompreensões, falta de recursos financeiros para a sobrevivência e moradia, meio para a sustentabilidade e outros. O donativo que recebia de seu pai não cobria todas as despesas. Outro desafio: após terem saído da Casa do Silvestre, que foi emprestada por D. Jaime, tiveram que pagar o aluguel e a casa situada longe do centro, que acarretava despesas de passagens.

Mas, Maria Celeste confia na Divina Providência que nunca abandona quem se entrega aos seus cuidados. Tem Fé na Trindade que não abandonará sua obra iniciada.



As Irmãs buscam meios para sua auto sustentação, entre as quais: aceitam encomendas de bordados para vestes litúrgica e lavagem de roupas do Mosteiro Beneditino do Rio, e ministram aula no pré-seminário da arquidiocese. Contam as primeiras irmãs que conviveram com ela nesse início, que Ir. Maria Celeste ia junto com as Irmãs lavar roupas e tantas vezes suas

mãos chegavam a sangrar. Não estava habituada e esse tipo de trabalho. Ela sempre se dedicou aos estudos, aulas no colégio, faculdade e à música, mas em tudo e em qualquer trabalho estava junto com as Irmãs.

Ir. Maria Celeste e as primeiras Irmãs buscam integrar: trabalho profissional, oração, vida de comunidade, estudos, formação e trabalhos domésticos. Essa sempre foi uma constante busca de nossa Fundadora, que tinha como preocupação nunca perder a intimidade com Deus Trindade, cujo alimento se encontra na vivência cotidiana da oração, da eucaristia e da missão, herança deixada para suas filhas. É normal que uma Serva ame a Trindade em todo o tempo e lugar, de todo seu coração, toda sua mente, toda sua alma e todas as suas forças (cf. Const. n.57). Ela deixa registrada nas Constituições da Congregação a mais bela norma de vida para suas filhas. A importância da intimidade com a Trindade e a fidelidade da oração no cotidiano:

“Sacrificar o tempo consagrado exclusivamente à oração sob pretexto de trabalho, apostolado, é ignorar que nossa influência apostólica é tanto mais benéfica quanto maior nossa fidelidade em nos abastecer na mais rica fonte de Luz e Força” (Const. n.59).

Finalidade, espiritualidade e missão das Servas



A Congregação tem como finalidade despertar nas pessoas a consciência de sua dignidade humana e da filiação divina pela graça do Batismo. Somos filhas e filhos de um mesmo Pai de bondade e ternura que, em seu Filho e no amor do Espírito Santo, vem fazer de nossa vida o seu santuário, lugar preferido de sua “habitação”.

“Conviver” e “anunciar” palavras-chave de nossa espiritualidade e missão:

– **Conviver** com Deus Pai, Filho e Espírito Santo presente e atuante em nós, buscando amá-lo, adorá-lo, servi-lo, contemplá-lo, é o segredo de nossa *espiritualidade*, que tem seu fundamento na Palavra de

Jesus: “Se alguém me ama guarda minha Palavra e meu Pai o amará e nós viremos e nele faremos nossa morada” (Jo 14,23).

– **Anunciar** por gestos, palavras e serviço fraterno a convicção de que toda a pessoa humana é filha amada do Pai, redimido em Jesus Cristo e santificado no Espírito Santo para formar comunidade, é nossa *missão* no mundo e na Igreja.

Essa experiência de filiação, irmandade e de ser *morada de Deus*, é um processo que vai se concretizando na comunidade. A exemplo da Trindade, as Servas são chamadas a formar a comunidade humana, segundo o projeto do amor Trinitário. A comunidade é o espaço de vida, crescimento, aprendizado e retaguarda da missão. Viver em comunidade é participar da vida Trinitária de Deus. Pois, “*a impetuosa corrente de amor que circula entre as Pessoas Divinas, ao invadir cada uma de nós, nos liga umas às outras*” (Const. n. 92).

Esse dinamismo trinitário de vida, espiritualidade e missão se concretiza na vida das Servas da Santíssima Trindade através de três meios:

- a) evangelização e catequese sob todas as formas;
- b) oração pelos pastores da Igreja e todo o povo;
- c) acompanhamento à juventude no seu processo de discernimento vocacional.

Como Jesus-Servo, o que move as Servas é a paixão pelo Pai e pelo Reino.



A Evangelização e Catequese é um dos meios da Missão. Na década de 1960 as Irmãs se fazem presentes na favela Santo Amaro, em Santa Teresa para anunciar o amor da Trindade e sua presença misericordiosa em seus corações.



Na Avenida Rio Branco centro do Rio, a Congregação inaugura uma “Sala Catequética” com o objetivo de apresentar material escrito, audiovisual, oferecer cursos para a formação de catequistas e professores de religião.

Nesse tempo, Ir. Clotilde Chiara foi convidada por Dom Helder Câmara, em nome do Regional Leste I da CNBB, para coordenar, junto com D. Cirilo F. Gomes, OSB, a recém-fundada Escola Mater Ecclesiae, destinada à formação de professores de religião. A referida escola continuou sendo coordenada pelas Irmãs Servas da SSma. Trindade até a década de 1980.



Mulher inovadora, de um coração largo

Movida pelo Amor da Trindade e sua grande paixão ao Carisma trinitário, Ir. Maria Celeste esteve à frente da Congregação de 1946 a 1980, na missão de Coordenadora Geral.

Mulher firme, contemplativa, inteligente, corajosa, de profunda vida de oração, simplicidade, escuta e diálogo. Como a bússola sempre é voltada para o norte, Maria Celeste foi para a congregação uma *bússola humana* que sempre apontou o norte trinitário e humano – a Trindade Santa, grande sol de sua vida, e o ser humano, templo vivo da Trindade. Aqui está o núcleo central do Carisma, Espiritualidade e Missão das Servas.

Ao longo dos 34 anos em que esteve no exercício da Coordenação Geral, Ir. Maria Celeste cuidou para que todas as Irmãs tivessem a possibilidade de estudar. Valorizando os dons de cada uma, oferecia cursos profissionalizantes, faculdade e curso de pós-graduação, cursos de formação bíblica, teológica, pastoral, catequese. Ela mesma preparava encontros para as Irmãs sobre os documentos eclesiais, conciliares, das conferências latino-americanas, da CNBB, CRB e outros. Sempre estava atualizada em seu conhecimento e sobre novas publicações. Adquiria as novas edições de livros e os enviava às

comunidades e comunicava sobre novos cursos. Procurava bons assessores para as assembleias, encontros e retiros da congregação.

A congregação foi se expandindo gradativamente. Conduzida pelo Espírito e de forma criativa, se estendeu do Rio Janeiro, Região Sudeste, para as Regiões Sul e Centro Oeste. Inicialmente a Catequese e a Evangelização eram os meios para tornar a Santíssima Trindade mais conhecida e amada em todos os corações. Muitos convites de bispos, dioceses e paróquias, pedindo cursos de formação e atualização pastoral, catequética e litúrgica.

No tempo presente, 2016, a congregação já se encontra nas cinco regiões do Brasil. E, como um gesto ousado, em 2014, em parceria com a CNBB e a CRB Nacional, numa comunidade intercongregacional, possibilitando à congregação a experiência além fronteiras, no Haiti.

Maria Celeste buscadora incansável



Com 80 anos

Como Maria de Betânia, Celeste traz seu melhor perfume para ser derramado. *O nardo mais puro e precioso do Amor da Trindade*. Quer que este perfume se derrame e espalhe sobre a humanidade. Quer inundar, não somente suas filhas de congregação, mas todas as pessoas de nossas relações. E sempre busca com criatividade e profundidade meios para isso.

“Ela escolheu a melhor parte que não lhe será tirada.” (Lc 10, 42)





Em 1974, acontece em nossa casa de encontros – a Ermida Nossa Senhora da Santíssima Trindade – um Capítulo Geral da Congregação. Ir. Maria Celeste, sempre aberta aos sinais dos tempos e fiel ao dom carismático que recebera da Trindade, busca meios para divulgar a Espiritualidade Trinitária da Inabitação e difundir o culto da Trindade Santa. Uma das decisões desse capítulo, aprovada por unanimidade e aclamação: iniciar um *Centro de Espiritualidade Trinitária*, com o objetivo de possibilitar às Irmãs e leigos o aprofundamento e vivência do Carisma e, em especial da Espiritualidade Trinitária.

Em São Paulo, na Rua Peixoto Gomide, n. 1.653, apto. 92, a congregação possuía um apartamento, onde se dá início o referido centro. Assim, em de março de 1974, Ir. Maria Celeste e Ir. Eventina chegam em São Paulo para preparar o apartamento com esse objetivo. E no dia 4 de maio as duas Irmãs são recebidas pelo Cardeal D. Evaristo Arns, que as acolhe e confirma a fundação do Centro Trinitário em sua arquidiocese e lhes dá uma bênção especial. Eis o pedido oficial escrito por Ir. Maria Celeste ao senhor Cardeal:

Emcia. Revma,

A abaixo assinada, Ir. Maria Celeste Ferreira, Coordenadora Geral das Servas da Santíssima Trindade, vem respeitosamente solicitar de Va. Emcia, autorização para fundar, em sua Arquidiocese um Centro de 'Trinitarização'.

Desejamos proporcionar, tanto às religiosas da referida Congregação, como aos leigos que o quiserem, um ambiente de paz, amizade e oração propício a um aprofundamento do conhecimento vivencial da Inabitação das Pessoas Divinas.

Pedimos, igualmente, a licença de conservarmos a presença Eucarística na sala-capela preparada para esse fim. Contando com sua compreensão e aquiescência, Ir. Maria Celeste Ferreira STS

No dia 13 de junho de 1974 – Festa de Corpus Christi – foi inaugurado o referido Centro Trinitário, com a presença da Madre Geral e do seu Conselho, e missa presidida por Monsenhor Hugo Munari, chanceler da Cúria. Ir. Maria Celeste se dedicava duplamente à missão do Centro de Espiritualidade, em São Paulo, e à Coordenação Geral.

No ano 1977, após consultar e discernir com Pe. Mario de França Miranda SJ e Ir. Maria Antônia Ascune, responsável pelo Vicariato Episcopal para Religiosas no Rio de Janeiro, sente a necessidade de uma licença para afastar-se por um ano de seu cargo. Ir. Maria Celeste dialoga com suas conselheiras e pede oficialmente licença ao Cardeal D. Eugênio de Araújo Sales para beneficiar-se com um ano *sabático*. Uma das suas conselheiras e vice-geral, Ir. Therezinha Soares do Couto, é escolhida para substituí-la nesse período.

Maria Celeste

Coração missionário, vida de peregrina da Trindade

Maria Celeste, desde sua adolescência e juventude, sempre se sentiu atraída pela dimensão missionária, como já acenamos anteriormente, em suas idas à fazenda de seus avós para realizar missões junto aos colonos dos cafezais. Estar entre o povo e evangelizar sempre foi um de seus desejos. Como nem sempre isto era possível, por seus inúmeros compromissos e cargos, fazia-o através das Irmãs inseridas nos meios populares ou nas dioceses e escolas. Apoiava, ajudava na formação e preparação das chamadas “*missões catequéticas*” que aconteciam em diferentes lugares do Brasil onde a congregação era convidada. Inclusive incentivava para que as formandas também participassem. Isso para que deixassem “arder” seus corações pelo Reino e pelo anúncio da Palavra de Jesus, reveladora do amor terno e misericordioso da Trindade.



Com a finalidade de despertar nas pessoas simples a consciência de sua dignidade humana, de sua filiação divina e de “morada da Trindade” (carisma e missão das Servas), Ir. Maria Celeste se lança numa experiência missionária durante seu *ano sabático*. Muda-se para a

capital paulista, residindo com Ir. Eventina de Souza numa casa simples da periferia de São Paulo, inserindo-se junto aos pobres. Quer fazer a experiência de inserção e simplicidade junto aos pequenos e revelar-lhes o amor terno da Trindade e sua dignidade de filhos e filhas de Deus pelo batismo.



1977 e 1978

Experiência de itinerância missionária

Iterinância missionária é tempo de graça e aprendizado. Maria Celeste deixa-se conduzir pelo Espírito do Pai e do Filho. Como mulher sensível e aberta, atenta às necessidades das pessoas, tem um jeito próprio de chegar e inserir-se entre os pobres, bem como de adaptar-se à realidade de uma favela e com todo tipo de desafio. Entre os pobres faz-se pobre, simples e despojada (uma das suas características) e faz a experiência da compaixão. Próxima, amiga, vizinha, escuta, respeita, e inicia uma evangelização mistagógica. Introduce as pessoas progressivamente no conhecimento e vivência do Mistério Trinitário. Ela “vê e ouve” o clamor do povo e permanece com ele. Como Maria de Nazaré, percebe a ausência do “vinho novo” e se faz mediadora como Maria para que o povo prove o “melhor vinho”. O vinho do amor, da dignidade humana, da acolhida e da misericórdia.



No dia 20 de agosto de 1977, as Irmãs Maria Celeste e Ir. Eventina estiveram na Cúria para agradecer pessoalmente ao senhor Cardeal Arns por ter dedicado à Paróquia S. Domingos Sávio, em Butantã, o nome de

Paróquia Santíssima Trindade, no dia 05/06/77 – Festa da Santíssima Trindade. A partir de setembro desse ano as Irmãs iniciam a evangelização dessa “*parcela do povo de Deus*” (expressão de Ir. Maria Celeste), a Paróquia Santíssima Trindade, em Butantã – indo a essa comunidade aos finais de semana para conhecer o povo. E no dia 11 de novembro de 1977 mudam para a comunidade. O povo ajuda no mutirão da reforma da casa para as Irmãs. E no dia 14 de dezembro as Irmãs convidam a comunidade para a benção da casa, realizada pelo pároco, Pe. Aníbal.

As duas Irmãs dedicam-se ao cuidado especial de pessoas que passam fome; dão início ao curso do Mobral (alfabetização de adultos), ao Clube de Mães, com inscrição de 70 mães. Este sempre inicia com uma palestra de formação humana e espiritual; depois acontecem os trabalhos manuais, corte e costura, prendas domésticas e outros. As duas Irmãs atuam na Evangelização de adultos preparando para batismo, casamentos e eucaristia, e visitas familiares, comunhão aos doentes e outros. Assim, nossa querida Fundadora, sente-se feliz ao poder realizar essa experiência missionária entre os pobres, como tanto almejava. Tempo de experimentar e compartilhar as alegrias e as dores dos pequenos e pobres – os amados e preferidos de Deus Pai.

Ao retornar do ano sabático e da experiência missionária, Ir. Celeste reassume a Coordenação Geral em meados de julho de 1978, até janeiro de 1980, quando se realizará o Capítulo Geral Eletivo. Ir. Maria Celeste conta com 65 anos de idade, e está em plenas condições para continuar à frente da Congregação. Mas, com sabedoria e simplicidade, pede para não ser mais eleita Coordenadora

Geral, pois seu desejo é ver a Congregação caminhar sem estar à sua frente. Atitude de despojamento e confiança nas Irmãs. Faz-se presente através da oração, nas assembleias e encontro, bem como acolhendo as Irmãs na comunidade do Centro de Espiritualidade Trinitária, para conversar, fazer retiro ou descansar. Com sabedoria e discrição, Ir. Maria Celeste se afasta da Coordenação Geral e nunca interfere sobre as decisões e a forma de conduzir a Congregação das que são eleitas após sua saída. Sempre que solicitada ou consultada dá sua contribuição e partilha de sua sábia experiência; faz-se presença orante pela congregação e suas filhas espirituais.

No IV Capítulo Geral de 1980 são eleitas:

– Coordenadora Geral: Ir. Therezinha Soares do Couto, 1ª. Geral após a Fundadora

– Conselheiras: Irmãs Dolores Pereira da Conceição, Helena Gonçalves da Silveira, Gelza Maria Freitas Ribeiro, Marta Francisca Lopes.

Ao deixar a Coordenação Geral da Congregação, Ir. Maria Celeste escreve uma linda e profunda oração onde se revela uma mulher humana, madura, realista, entregue, humilde e desprendida. Uma mulher toda da Trindade.



*“Canta e anda,
Deus está no fim da vida.”*
(S. Agostinho)

O entardecer ou a plenitude da vida

*Senhor, ensina-me a envelhecer.
Convince-me de que a comunidade não me faz nenhum
agravo
se me vai exonerando das responsabilidades,
se não solicita mais a minha opinião,
se escolhe outras para ocuparem meu lugar.
Despoja-me
do orgulho da experiência acumulada,
da veleidade de me julgar insubstituível:
que eu saiba ver,
no gradativo desprendimento das coisas, apenas a lei do
tempo;
que desdobra, nesta transferência de meus cargos
uma das mais palpitantes expressões
da vida renovada
sob o impulso da sua Providência.
Faze-me, ó Senhor,
que eu consiga ser ainda útil nesta terra,
contribuindo,*

*com o otimismo e com a oração,
para a alegria e a coragem
para que eu viva
sem perder o contato humilde e sereno
com o mundo em transformação;
que não lamente o passado,
de quem recebe um turno das responsabilidades;
mas saiba fazer dos meus sofrimentos pessoais o dom de
reparação social.
Que meu afastamento do campo de trabalho
seja tão simples e natural
como um sereno, feliz e luminoso pôr-do-sol.
Amém.*

(Ir. M. Celeste – escrito em 1983)

Ir. Maria Celeste, após deixar a missão de Coordenadora Geral, passa a residir por um tempo em Miguel Pereira, na Ermida, casa de encontros da congregação. Ela gostava desse local pelo clima, o silêncio e a natureza. Tantas vezes saía do Rio de Janeiro e se refugiava na Ermida para rezar, descansar, escrever, discernir. Inclusive foi ela quem adquiriu essa casa em agosto de 1958 com o objetivo de ser Casa de Oração e noviciado. Desde 1987 é um Centro de Espiritualidade que acolhe grupos para retiros, encontros, cursos e outros.

Após este tempo na Ermida é transferida juntamente com Ir. Eventina, para São Paulo, com o objetivo de ver local e casa para reabrir o Centro de Espiritualidade Trinitária. Foi muita dedicação e busca, especialmente de Ir. Maria Celeste com Ir. Therezinha Couto, então Econômica Geral, até encontrar um local adequado para

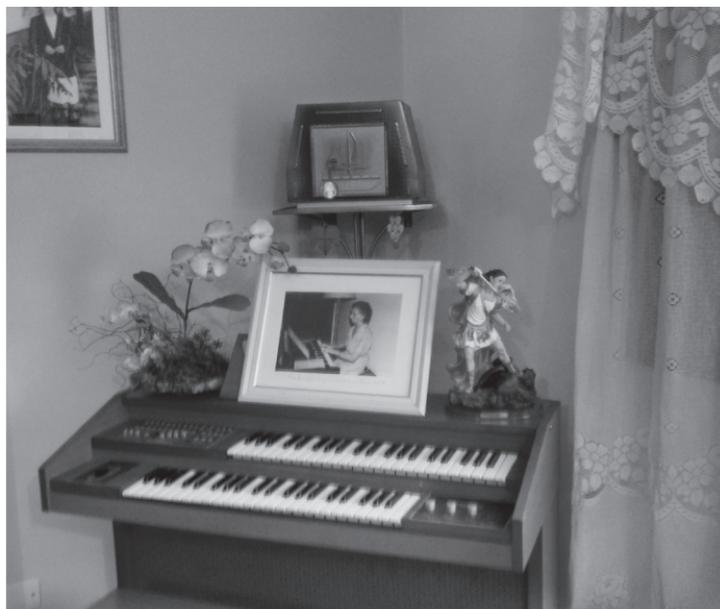
esse fim. Assim, em dezembro de 1986 as Irmãs encontraram uma casa à venda, na Rua Domingos de Santa Maria, 395, Vila Guarani/SP.



Galeria de ícones da Santíssima Trindade na entrada do Memorial.



Objetos pessoais da fundadora.



Teclado da irmã Maria Celeste Ferreira.

Nesse local viveu Ir. Maria Celeste com a comunidade das Irmãs e dedicou sua vida à “glorificação da Trindade e difusão do seu culto”, até seu último suspiro e partida para junto das Três Pessoas Divinas. Foi uma longa enfermidade. Despojada e humilde, necessitada de cuidados especiais, ia gradativamente, como a luz da vela, consumindo-se no Amor da Trindade. Morreu no Hospital Santa Cecília, no dia 05/09/2004, às 04h20min da manhã, com 89 anos e oito meses de existência. Estava acompanhada pelas Irmãs Marli Nascimento da Cruz e Ir. Marlene Piegorini. Quando as Irmãs perceberam que sua respiração ia diminuindo e seu corpo ardia em febre, começaram a rezar o Oferecimento do dia – oração escrita por ela e rezada diariamente pelas Servas. No exato momento em que rezavam “*que o Vosso amor consuma todo nosso ser...*” deu o seu último suspiro. E foi realizado o seu maior desejo: estar com a Trindade Amada e cantar seu eterno Louvor.



Irmã Maria Celeste, tocando na celebração da missa de seus 80 anos.

O referido Centro de Espiritualidade foi a casa onde Ir. Maria Celeste viveu seus 18 últimos anos e onde morreu. Continua como Centro Trinitário e é para a congregação um espaço sagrado, guardando toda uma história de Amor e Vida *consumida para a glória da Trindade*. Aí encontra-se o Memorial Ir. Maria Celeste que guarda na íntegra seu quarto, escritos e objetos pessoais, fotos e outros. Mais que isto, é sua presença acolhedora e materna impregnando de ternura, mística, alegria e paz que sempre acolhe suas filhas e quem passa pelo local.

*Com as irmãs
na celebração
dos 80 anos.*



Irmã Celeste com as irmãs jovens no Centro Trinitário em São Paulo.

A Congregação e seu Carisma

Tudo para a glória da Trindade!

Nossa vocação cristã é formar a comunidade humana segundo o projeto de Deus, que tem um cuidado paternal para com todos. Criados à sua imagem e chamados a um único e mesmo fim que é o próprio Deus (cf. GS 24).

A Congregação das Servas da SSma. Trindade, mesmo sendo poucas no início, expandiu-se rapidamente. As Irmãs Servas marcavam a diferença. Presentes, alegres, abertas. Sem obras próprias, como era comum naquele tempo. A maioria das congregações era identificada por suas obras como colégios, hospitais, orfanatos, asilos. As Servas trabalhavam na Evangelização e Catequese, na formação de lideranças e se mantinham com o próprio trabalho profissional.

As Servas trazem algo novo: uma Evangelização e catequese que anuncia o Amor da Trindade e sua Inabitação no coração humano. Na época, a imagem que se tinha de Deus era “lá no céu”, que vê tudo (a imagem de um triângulo com um olho). A originalidade é comunicar que Deus é próximo, presente e pessoal – Pai, Filho, Espírito Santo. Um Deus Amor e comunidade, presente e que faz morada no ser humano. Com o Concílio Vaticano II inicia-se uma nova catequese e evangelização. Ir. Maria Celeste viveu a experiência de rezar com a Igreja: “*Padre nosso que estais no céu...*”, “*Em nome do Padre...*” e “*Glória ao Padre...*”. Mas ela

era uma mulher profunda e inovadora. A Congregação, em 1951, estava com seis anos de fundação e Ir. Maria Celeste pede licença ao Cardeal do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara, para rezar na Congregação: “Pai nosso..., Glória ao Pai... em nome do Pai...”. D. Jaime concede a licença, mas, segundo a obediência à Igreja, pede para rezar internamente, pois não tem autoridade para mudar. Foi grande a alegria para ela e todas as Irmãs. As Servas já rezam internamente a nova forma de oração trazida anos depois pelo Concílio Vaticano II. Bem antes desse concílio, Ir. Maria Celeste também obtém do Cardeal licença para simplificar o hábito religioso e depois passar ao uso de roupas comuns.

Formadas em pequenas comunidades, vivendo situações locais muito diferentes, formar uma única família, coesa na vivência de um mesmo ideal: a glorificação do Pai, pelo Filho no Espírito Santo. Estar em estado de missão, peregrinas como Jesus, onde a Trindade chama e o Mestre aponta o caminho.

“Como o Pai me enviou também eu vos envio.” (Jo 20, 21)



Primeiras fundações

A congregação inicia no Rio de Janeiro no bairro Silvestre. Depois muda para a Rua Melo Matos, na Tijuca, onde funciona o noviciado e um pré-seminário da Arquidiocese do Rio. Ainda no Rio, Irmãs residem em Campo Grande. Em seguida, em 1951 é fundada uma casa em Juiz de Fora/MG. Em 1954, a pedido do Bispo, as Irmãs fundam outra comunidade em Caxias do Sul/RS. No Rio de Janeiro a Sede Geral esteve por mais de 40 anos no bairro de Santa Teresa, à Rua Candido Mendes, 891. Prédio muito antigo, um hotel falido, entregue ao Patrimônio da União, como parte das dívidas. Ir. Maria Celeste fez um Contrato de Comodato com o governo federal, na época do presidente Dutra. Nesse tempo, o Rio de Janeiro ainda era a capital do Brasil e sede do governo.



Sala de reuniões do prédio.

Prédio à Rua Candido Mendes, 891 Santa Tereza, RJ.



Expansão da Congregação

Ao longo destes 70 anos de existência, a Trindade tem nos enviado às urgências do Reino: inicialmente, nos primeiros anos através de cursos de formação catequética – professores de religião, catequistas, missões nas dioceses e paróquias. Abrindo-nos aos sinais dos tempos, trabalhamos em favelas, comunidades das periferias de cidades, formação de lideranças, comunidades inseridas e ribeirinhas; orientação de retiros, encontros e cursos; acompanhamento psicológico, espiritual e terapias naturais; acompanhamento aos pequenos agricultores, pessoas em situação de rua e indígenas; inserção no mundo do trabalho profissional integrando sustentabilidade e missão: *“Tendo presente que o exercício de uma profissão tem por finalidade primordial colaborar na evangelização do povo de Deus”* (Const. 110).





“Nossa Missão se dirige a todos, sem distinção de classes sociais, uma vez que fomos irmanados pelo sangue redentor de Cristo e temos um Pai comum para o qual nos impele a força do Espírito Santo. Entretanto, devemos dar preferência aos pobres, a exemplo de Cristo, se ouvirmos os apelos do mesmo Espírito que O ungiu.” (Lc 4, 18-19)

Palavras finais

Escrever sobre Ir. Maria Celeste é imensa alegria. Sua vida é como um manancial que não se esgota. Há sempre água boa e fresca a se derramar e oferecer para quem tem sede de Deus e quer conhecer uma história de um grande amor, cuja fonte é a Santíssima Trindade. Escrever sobre Ir. Maria Celeste é também um desafio. Não temos palavras para descrever a grandeza desta mulher, seu carisma, sua mística e espiritualidade

Nós da equipe, fizemos uma garimpagem na história, memória, vivência de Maria Celeste e em seus escritos. Como aprendizes, não conseguimos garimpar tantas pedras preciosas e de tão grande valor. Mas conseguimos encontrar ricas pérolas que compartilhamos. Ricos testemunhos das irmãs sobre Maria Celeste queremos apresentar.

A mina está aberta, venha garimpar! Pois resta muito ouro, prata, preciosidades a lhe esperar. Continue conosco a buscar, escavar e encontrar. Anunciar e compartilhar. Eis o convite de Celeste para você: *“Vamos recomeçar. Vai ser muito bonito”*. (Maria Celeste, em 14/06/2003).

A Fonte do Amor Trinitário é água pura e cristalina que ela descobriu e se deixou mergulhar: *“Compreendi que só Deus Trindade poderia matar minha sede de um amor absoluto”* (Maria Celeste, aos 15 anos). A fonte está a jorrar em seu coração, pois é aí que a Trindade habita e quer lhe saciar com seu amor. É na intimidade do coração que a Trindade nos espera. Mas é da intimidade de seu

Mistério misericordioso que nos envia a glorificá-la e anunciá-la: nas periferias existenciais, nos escombros desumanizadores da pobreza, da droga, da violência e do desrespeito à dignidade humana. Aí vamos adorá-La.

O Amor Trinitário nos chama a sermos *parturientes*, escutando os gemidos e dores da *mãe terra* que quer fazer nascer um novo mundo, uma nova humanidade, um novo tempo.

Como Maria Celeste, seja buscadora e buscador do novo. Sem medo dos desafios e sofrimentos. O amor da Trindade ajuda a tudo suportar e superar. Continuemos o caminho!

Um agradecimento especial às Irmãs Maria das Graças Apolinário e Elisa Maria Bisol que aceitaram fazer parte desta equipe; igualmente, Ir. Maria Aydos dos Santos, que nos assessorou em alguns momentos. Um obrigada a todas que deixaram seu testemunho registrado sobre Ir. Maria Celeste Ferreira, nossa querida Fundadora.

Tudo para a glória da Trindade!

Ir. Helena Teresinha Rech STS

Organizadora deste livro

Testemunhos sobre vida de Irmã Maria Celeste

 imagem que guardei de Ir. Maria Celeste Ferreira, nossa mui querida fundadora é a melhor possível. Sempre a vi como uma pessoa correta, sincera, justa que não fazia distinção de pessoas. Falo pela minha própria experiência de vida, como iniciante Serva da Santíssima Trindade.

Fui privilegiada por tê-la recebido na minha casa, quando estive em Mantena/MG, para buscar umas vocacionadas. Sua presença foi para mim a hora de Deus, pois eu também desejava ser irmã e não via como realizar esse meu sonho. Esse momento de graça se deu no dia 19 de agosto de 1952, quando deixei minha família para me entregar inteiramente a Deus. Parecia um sonho feito de realização e ao mesmo tempo de sofrimento. Era a primeira vez que saía de casa, em busca do desconhecido. Hoje reconheço que foi o maior presente na minha vida.

O que mais me chamava a atenção em sua pessoa era o senso de justiça e simplicidade. Nas vezes em que a acompanhei em suas viagens, propiciou-me conhecer sua família mais de perto, ficar na casa de sua mãe, e assim conhecer a realidade familiar, tanto financeira quanto cultural e religiosa. D. Zulmira acolhia as irmãs da congregação como se fossem suas filhas.

Creio que Irmã Maria Celeste, por ter vindo de uma família muito religiosa e culta, sabia tratar as irmãs

com muito carinho, respeito e sem distinção. Convivi com ela uns 40 anos, em momentos diferentes, na casa central, no tempo em que permaneceu no governo da congregação. Além disso, ela contava comigo quando necessitava de alguma ajuda. Tudo isso criou um laço de convivência real e maduro. Agradeço à Trindade Santa essa oportunidade que me levou a um grande amor à vida de oração, pelo seu testemunho de vida e espiritualidade profunda.

Admirava na Irmã seu espírito de pobreza, simplicidade, modo de acolher e tratar as pessoas simples e pobres. Ficava edificada por ver o carinho e amor como recebia as vocacionadas provenientes de famílias do interior, não fazendo diferença entre negras ou brancas, ricas ou pobres, instruídas ou não. Outro ponto que me chamava atenção era o seu desejo e esforço para promover e valorizar as irmãs oriundas da simplicidade. Sempre contemplava com admiração essa atitude da Celeste, porque foi uma experiência pessoal, nos anos em que trabalhei com ela, outras irmãs e formandas, na atualização de nossas Constituições e nas partilhas de experiências.

Irmã Maria Celeste foi uma mulher corajosa, decidida e de muito espírito de sacrifício e de oração. Valorizava o silêncio orante, retiros e o que se referia à Vida Consagrada. Buscava sempre, e em tudo, glorificar a Santíssima Trindade e difundir seu culto.

Ir. Therezinha Soares do Couto, STS

Contagem, março de 2016

Convivi com Ir. Maria Celeste desde 1958, quando ingressei na congregação, até a sua morte. Alguns anos foram de intensa convivência, como no período de minha formação como religiosa, no tempo em que trabalhei na formação das novas de 1961 a 1965, também de 1987 a 1991 e de 1998 a 2003, quando estive com ela na sua doença final.

Ir. Maria Celeste deixou-me sempre a impressão de uma pessoa apaixonada por Deus Trindade, numa coerência nunca desmentida. Só pode haver uma explicação: realmente ela teve uma experiência tão profunda da Presença da Trindade em seu coração que sua vida foi magnetizada por essa graça. E seu desejo, seu esforço, sua vida só tinha um sentido: dar uma resposta de amor a Deus Trindade, ajudando as pessoas a despertarem para a realidade da Inabitação divina.

E com toda a riqueza dessa experiência mística, Ir. Celeste se manteve muito simples, muito humilde, muito pobre. Não falava de si. Era muito delicada com as pessoas, embora muito firme. Pedia desculpa quando achava que magoara alguém. Muitas outras virtudes brilhavam em sua vida. Mas o que me fascinava era essa coerência no Amor Trinitário. Como ela mesmo escreveu nas nossas Constituições, era como “a agulha da bússola voltada par o Norte Trinitário.»

Do tempo em que estive com ela, já num estágio da sua doença, tenho lembranças inesquecíveis que só confirmam sua caminhada de entrega à SSma. Trindade. Uma foi realmente impressionante. Numa noite, quando Ir. Celeste já estava num estágio muito adiantado da doença, falando muito pouco, fez uma exortação de mais de meia hora sobre a confiança que

devemos ter no Amor de Deus Pai. A Irmã que a acompanhava nessa noite, impressionada, foi me chamar. Ir. Celeste continuava falando da confiança devida ao Pai Celeste. Ainda a ouvi mais de 15 minutos. Infelizmente não gravamos essa fala. Na manhã seguinte fiz algumas anotações, que estão no Memorial da Ir. Celeste. A mensagem está viva no meu coração.

Que a Trindade Santa seja mais conhecida e amada através do conhecimento da vida da Irmã Maria Celeste.

Ir. Maria Aydos dos Santos STS

Porto Alegre, março de 2016

Falar sobre a pessoa de Ir. Maria Celeste é comprometedor, pois se trata de escrever sobre alguém que representa vida, esperança, entrega, amor.

Desde que a conheci em, 21 de fevereiro de 1961, fiquei edificada com seu jeito de SER: mulher orante, apaixonada pela Trindade, despojada, simples, confiante, forte, preocupada com o momento presente da congregação e seu futuro para que nunca perdesse a finalidade própria para a qual foi fundada “A glorificação da Santíssima Trindade e a sua presença no ser humano pelo mistério da Inabitación”.

Durante todo o meu tempo de formação – aspirantado, postulante, noviciado – tive a oportunidade de ficar muito próxima a ela, pois me convidou para ser sua secretária. Eu, no início, me espantei. Como? Chegando e ainda “nova”; mais acolhi o convite. O que para mim foi muito gratificante, pois era o melhor momento para eu conhecer a congregação. Beber na própria fonte.

Posso testemunhar que se eu permaneço até hoje, em primeiro lugar agradeço a Deus pela fidelidade d'Ele para comigo e em segundo lugar, lembrar desta mulher tão querida e amada.

Os encontros de partilha de vida, de formação, sempre foram para mim momentos de fortalecimento por ver sua garra e seu empenho em nos ajudar numa formação sólida para o futuro. Os encontros no noviciado canônico, (tempo forte na formação) sempre falam alto em minha vida numa busca de uma espiritualidade não alienada, mas, vivencial. “Buscar ver no outro a face de Deus Trindade” sem distinção de classe social.

Tudo aquilo que eu havia percebido na minha chegada foi sendo vivenciado ao longo da minha caminhada, o que fortaleceu e vem fortalecendo até hoje o meu sim.

Mulher corajosa, não teve medo de enfrentar as dificuldades que lhes eram apresentadas. Sempre dizia que nada acontece em nossas vidas sem ser permissão de Deus. A vontade Dele não é para ser discutida e sim vivida, mas que só na oração, no silêncio conseguiríamos discernir o que Ele quer para nós.

Logo que fiz meus primeiros votos, em 25/03/1965, fui convidada a participar de uma fundação no Cosme Velho-RJ. Pude perceber nesse momento a alegria, a felicidade dela ao ver a congregação se expandido e, assim sendo, a Trindade podendo ser mais conhecida e amada e as pessoas aos poucos, através do nosso testemunho, ir resgatando a sua dignidade como Templo vivo da Trindade.

Outra fundação que para mim marcou foi ver o despojamento dela em Teófilo Otoni/MG. Casa pequenina. Não tinha onde dormir direito e ela, na sua

simplicidade e pobreza de ser, acolheu dormir no chão não aceitando a cama que a ela oferecemos. Ficava eu me perguntando: “Que mulher é essa?”. Em nenhum momento deixou se abalar pelo que ia acontecendo. Algo de estranho ia mexendo comigo e acreditando na força de Deus em sua vida. O Deus dos simples, dos pobres, dos marginalizados, porque no bairro em que fomos morar, S. Jacinto, era bairro de periferia pobre, mas de pessoas muito felizes apesar das dificuldades.

Quero finalizar dizendo: Ir. Maria Celeste foi e continuará sendo a minha força na aceitação da minha vida fragilizada pela saúde, mas confiante apesar das dificuldades que “o momento presente, com Deus presente” é mais fácil de viver.

Ir. Marta Francisca Lopes STS

Juiz de Fora, fevereiro de 2016

Deus me deu a graça de conviver com Ir. Maria Celeste desde os meus 15 anos. Ela sempre foi para mim um ícone. Como fundadora, Superiora Geral e Serva da SSma. Trindade. Sempre foi uma pessoa muito acessível, simples e próxima. Preocupava-se com a formação integral de suas filhas, sem distinção de pessoas. Mulher atualizada, aberta ao diálogo, sincera, missionária e contemplativa.

Uma imagem de Ir. Maria Celeste que não me sai do coração foi vê-la várias vezes rezando: uma mulher serena e tomada pela presença de Deus Trindade. Transmitia estar imersa na presença dos Divinos Três convidando-me a entrar também neste *templo habitado*.

Outro aspecto que sempre me chamou a atenção

foi a sua retidão e fidelidade criativa ao Amor primeiro: *mulher focada*. Nada a tirou do foco. “A SSma. Trindade foi o grande Amor que dominou toda a minha vida.” Com razão ela nos apontou o símbolo da bússola, a direção é a SSma. Trindade, a busca incansável da Sua Vontade através do discernimento dos sinais dos tempos.

Outro testemunho que muito me emociona foi vê-la sendo conduzida à extrema pobreza interior. Esvaziada de tudo e de todos, ela comparava a Espiritualidade Trinitária como um processo de amor que tudo purifica para que a Trindade fosse Trindade em seu ser: “Como o ferro se funde com o fogo abrasador que o consome”. Em toda a sua vida ativa, e em sua longa enfermidade, dominava o silêncio, a busca constante do desejo de Deus. Uma de suas últimas orações guardo-a no coração: “Eu só quero o que Tu queres...” Assim ela viveu e morreu. Nada a afastou do Amor dos amores. O que ela disse que compreendeu aos 15 anos, foi realmente uma forte experiência de Deus: “*Compreendi que só Deus poderia saciar minha sede de um amor absoluto*”.

Ir. Gelza Maria Freitas Ribeiro STS

São Paulo, fevereiro de 2016

*Ir. Maria Celeste, mulher sensível,
prática e determinada*

Convivi pouco tempo com Ir. Maria Celeste. Nunca morei com ela. Cheguei ao Rio de Janeiro, para o noviciado, quando este recentemente havia saído de Santa Teresa, casa central naquela época, quando Ir. Maria Celeste ainda era a Geral.

Lembro-me da primeira visita dela ao Noviciado por ocasião de nossa entrada, em março de 1977. Impressionava-me sua postura, seus gestos refinados, de alguém que veio das elites paulistanas. Como andava, como se comportava à mesa, tudo segundo as etiquetas. Isso me incomodava, pois vim de outro patamar: do interior, da roça mesmo. Sentia-me muito intimidada diante dela.

No entanto, outros gestos seus me deixavam desconcertada.

No mesmo dia que chegou, eu estava encerando a área onde ficava a capela e a sala de estudo, enquanto as outras já haviam deixado a casa brilhando. Toda a casa era encerada e tínhamos que passar a cera abaixadas no chão.

Ir. Maria Celeste me cumprimentou nessas circunstâncias. No mesmo dia, chamou as “mestras”, Ir. Gelza e Ir. Marta, e disse que era um absurdo encerar a casa daquela forma. No dia seguinte encarregou Ir. Eventina, que a acompanhava, e pediu para fazer uma espécie de esponja enrolada num rodo para que não precisássemos abaixar e sujar as mãos para passar a cera.

Nas conversas pessoais que ela teve com cada uma de nós nessa visita, outra atitude dela me surpreendeu novamente. Fazia poucos dias, nem um mês ainda, que havia chegado ao Rio de Janeiro. Ela perguntou-

me como estava me sentindo. Falei das dificuldades de vir do interior para uma cidade grande, do calor insuportável próprio do clima do Rio de Janeiro, e que não estava conseguindo dormir por causa do barulho da rua. Quando cheguei, dormia com outra noviça no quarto grande, que dava para a rua e que hoje é a capela da Casa Central. As janelas, naquela época, eram janelas comuns, sem proteção contra o barulho como existe hoje.

No mesmo dia ela provocou uma revolução na casa. Mudou Ir. Marta de quarto e deu um jeito de cada noviça ter o seu quarto individual e nos tirou do quarto barulhento.

Essas duas atitudes imediatas de Ir. Maria Celeste, ao mesmo tempo que quebraram a minha impressão de uma mulher distante, me fizeram perceber a sua sensibilidade prática, de alguém que não deixa nada para depois. Outros fatos posteriores, que não vou relatar aqui, foram confirmando esse seu jeito de ser.

Outra característica que sempre me impressionou em nossa fundadora era a confiança e seu acreditar nas jovens formandas.

Ela pedia nossa opinião e nossa participação em aspectos de muita responsabilidade. Lembro-me de que todas as consultas que ela fazia às Irmãs, elas fazia questão de perguntar a nós, formandas, tanto como noviças, como junioristas. Ela não só nos escutava, como valorizava nossas sugestões. Na minha época de noviciado iniciou-se a revisão das Constituições, o que culminou na edição que temos ainda hoje. A primeira consulta foi sobre o que permanecer, o que tirar e o que acrescentar nas Constituições. E nossas

contribuições foram todas elencadas junto com as das outras Irmãs. Com essas contribuições ela escreveu uma primeira redação, que foi enviada para apreciação das Irmãs, trabalho proposto em comunidade. Nesse momento eu era juniorista recente. Ainda hoje, reconheço em nossas Constituições as minhas contribuições pessoais e nas comunidades nas quais convivi. Foi feita nova redação. Quando o trabalho estava quase pronto, Leiza e eu, junioristas ainda, fomos convidadas para a revisão do português, junto com ela. Ficamos uma semana inteira em Miguel Pereira, fazendo esse trabalho. Era impressionante como ela respeitava nossas contribuições.

Hoje, quando, às vezes, temos dificuldade de entender o que seja uma gestão compartilhada, me lembro muito de nossa fundadora. Ela foi o primeiro exemplo de gestão compartilhada, embora não usasse este termo.

Uma outra característica que sempre admirei em Maria Celeste era o estar sempre atualizada em todos os âmbitos da informação e do conhecimento. Estava sempre buscando os últimos lançamentos de livros que deveriam fazer parte de nossas bibliotecas e conhecimento. Em outra ocasião, mais uma vez ela me surpreendeu. Pedi para que ela orientasse um retiro para mim. Ela colocou em minhas mãos um livro de Leonardo Boff, que não me lembro mais qual era, e disse que seria o conteúdo do meu retiro. Todos os dias ia partilhar com ela o que tinha lido e rezado. E então tínhamos longas conversas sobre a Teologia da Libertação, a opção preferencial pelos pobres, que ela se esforçava por entender melhor e não deixar que isso nos distanciasse de nossa espiritualidade trinitária.

Por fim, acho até desnecessário falar de seu amor à Santíssima Trindade, de sua intimidade com as Pessoas Divinas, do mistério da Inabituação, de sua atitude de Serva Adoradora e de seu zelo para que nenhuma Irmã se distanciasse do carisma trinitário. Ela sempre dizia com todas as letras que se alguém não tivesse esse dom, era melhor que buscasse outra congregação. Confesso que isso me dava medo, não me sentia suficientemente à altura dessa realização, por sempre me considerar um tanto dispersa e incapaz de uma adoração tão profunda! Mas a Trindade e a experiência que Ir. Maria Celeste transmitia sempre me encantaram, apesar das minhas dificuldades.

Para terminar, digo que, para mim, olhar para a figura de Ir. Maria Celeste, é contemplar um ícone de uma mulher adoradora, apaixonada, determinada, prática e atenta a tudo que estava acontecendo a sua volta. E isso sempre me inspira a ser, nem que seja um pouquinho, do que ela foi e ser fiel à minha vocação de Serva da Santíssima Trindade.

Glória à Santíssima Trindade presente e atuante em nós

Ir. Rosa Maria Gomes STS

Abril de 2016

onheci Ir. Maria Celeste em junho de 1966 quando fui com minha mãe conhecer a Congregação das Servas em Caxias do Sul. Estava com 17 anos. Ao chegar à comunidade, na Vila Kaiser, lembro que uma Irmã veio nos receber e logo em seguida chegou outra Irmã. Acolheram-nos com muita alegria, nos ofereceram um

cafezinho e biscoitos na sala de recepção. Soube posteriormente, quando já havia ingressado na congregação, que a segunda Irmã que veio nos acolher era Ir. Maria Celeste, Fundadora e Madre Geral.

Nessa visita fiquei tocada pela forma como nos acolheu e nos mostrou a casa. Eu estudava em um colégio de Irmãs, e sabia que não era permitido entrar na “clausura”. Ao sairmos da capela, havia ao lado uma escada que dava para o dormitório das Irmãs e sala de formação das noviças com uma inscrição: *clausura*. Minha mãe e eu paramos e Ir. M. Celeste continuou subindo. Olhando para trás viu que paramos e disse: “*Venham! Venham!*”. Minha mãe respondeu: “*É clausura*”. E ela com firmeza disse: “*Podem vir. A senhora precisa conhecer onde sua filha vai ficar*”. Nunca esqueci este fato. Que abertura! Na semana seguinte Ir. Maria Celeste foi à minha casa para conhecer minha família.

Ingressei na congregação em 19 de agosto de 1966. Portanto, completo, no dia 19/08/2016, 50 anos de Congregação. Convivi muitos anos com Ir. Maria Celeste e sempre a admirei e partilhei a vida com ela. Muito aprendi com Ir. Celeste, especialmente sobre os grandes místicos como São João da Cruz, Santa Teresa, Elizabete da Trindade e Santa Terezinha. Foram tantas experiências! Registro algumas que marcam para mim a grandeza e largueza de alma de nossa Fundadora.

1. Tempo de Formação no Rio de Janeiro nos anos 1967-1970. O Postulado e o Noviciado foram na Casa Geral, onde Maria Celeste residia. Eu a admirava e gostava de ver o seu jeito de rezar; permanecia na

capela durante longos tempos, em silêncio e de olhos fechados, adorando e contemplando a Trindade. Sempre me encantou sua simplicidade, acolhida, profundidade, e as palestras que fazia para nós aos domingos.

Nesse tempo de formação eu gostava de conversar com ela, partilhar minhas experiências, orações, sonhos e dificuldades. Durante o Postulado ela me ofereceu um teste sobre temperamento e aptidões. E foi ela quem o aplicou. Ir. Celeste percebeu que eu tinha dons para artes e música, e eu já havia iniciado aulas particulares de pintura em tela e estudo de música, no colégio onde estudava. Nos domingo à tarde, lembro-me com saudades quando Ir. Celeste sentava-se ao piano e tocava músicas retratando cada uma de nós. Tínhamos que descobrir na música que ela tocava o “retrato” de cada uma. Era uma festa! Nesse período formativo perguntou-me se desejava continuar aprendendo música. À minha resposta afirmativa, Ir. Maria Celeste iniciou comigo aulas de piano. Ao final das aulas eu lhe pedia para tocar uma música. Como gostava de ouvi-la e vê-la tocar!

2. Ir. Maria Celeste era uma mulher muito aberta. Como Madre Geral, sempre consultava as Irmãs e formandas sobre assuntos e decisões e serem tomadas. Lembro-me que no final do meu Postulado ela fez uma pesquisa com todas as Irmãs e formandas sobre a venda da Casa Ermida, em Miguel Pereira. Se a resposta fosse *não vender*, vinha outra pergunta: “Você se compromete a assumir a Ermida?”.

Eu já havia conhecido a Ermida e me apaixonado por aquele lugar lindo, com muita natureza, silêncio e pensava no futuro da congregação. Respondi: “Não vender”. Mas como assumir? Naquele tempo era apenas uma postulante. Então escrevi: “No futuro eu poderei assumir”. E de fato aconteceu. Estive na coordenação da Ermida de 1987 a 2000, transformando o local numa Casa de Retiros.

3. Outra característica de Ir. Celeste que sempre admirei: buscava valorizar, respeitar e ajudar todas as Irmãs a desenvolver os dons pessoais em vista da missão e do profissional. Lembro-me, quando noviça do primeiro ano, ela me chamou para conversar e perguntou-me o que eu gostaria de estudar após o noviciado. Nem pensei duas vezes, respondi decidida: “Quero fazer Belas Artes ou música”. Olhou para mim com carinho, sorriu e disse: *“Minha filha, música e belas artes não enchem barriga de ninguém”*. Lembro que fiquei triste e até decepcionada e lhe disse: “Então, eu quero não estudar agora. Tenho apenas 19 anos, prefiro ir para a missão, viver a consagração e depois estudar”. Ela percebeu minha tristeza, me abraçou e abençoou. Passado um tempo, me chamou novamente e disse: “Minha filha, tenho pensado em você e vi um curso de ‘Desenho Publicitário’, com duração de dois anos, na Fundação Getúlio Vargas. Quer fazer?”. Respondi-lhe: “Sou noviça e nesse tempo não estudamos”. Respondeu-me: *“Eu lhe dou esta licença. Vai lhe ajudar na Catequese e na missão...”*. Fiquei feliz, fiz o curso,

que era no Centro do Rio, na Av. 13 de maio. Pensei comigo: “Que mulher é esta que percebe os sentimentos das pessoas, repensa e oferece outro curso?”. No final do noviciado, com 20 anos de idade concluí o curso e fiz meus primeiros votos em 11/01/1971, e fui enviada para Teófilo Otoni/MG, comunidade inserida, recém-fundada.

4. Sempre admirei em Ir. Celeste: seu jeito de acolher, escutar, o carinho e disponibilidade com que nos ouvia e ajudava. Após seis anos de intensa missão entre os pobres, em Teófilo Otoni, vivi uma crise existencial muito forte. Pedi sua ajuda e ela me convidou para ir ao Rio de Janeiro. Ao chegar na Casa Geral, em Santa Teresa, me esperava na portaria e sua acolhida foi inesquecível. De braços aberto me acolheu: *“Minha filha, bem-vinda! Vamos tomar café, banho, descansar... sou toda sua para ouvi-la nestes dias”*. Lembro-me que seu abraço materno e acolhedor me fez chorar. Ela foi meu anjo, me ajudou a me resgatar. No final do ano fui transferida para o Rio de Janeiro.
5. Ir. Maria Celeste sabia confiar nas pessoas. Dois anos passaram-se e me chama para trabalhar na Formação. Estava com 29 anos. Disse-lhe: “Mal estou saindo de uma crise, como ajudar as jovens formandas?”. Respondeu-me: *“Eu confio em você”*. Suas palavras me desmontaram e nem acreditei que estava me chamando para assumir a Formação. E acrescentou: *“Você não estará sozinha. Irá ajudar Ir. Gelza neste ano e depois ficará com as postulantes e*

ela com as noviças”. Senti-me tão pobre e despreparada para tal missão, mas suas palavras me foram um convite a recomeçar e aprender a ser “formadora aprendiz” no processo formativo. Nunca mais esqueci essas palavras: “*Eu confio em você*”. Assumi o desafio desta bela missão de 1979 a 1989.

Ao *re-cordar* (trazer de volta ao coração) a vida e convivência com Ir. Maria Celeste, torna-se tão viva em mim a presença dessa mulher tão apaixonada pela Trindade: mulher do Amor, de contemplação, da simplicidade; despojada, inteligente, corajosa, investidora, aberta e sempre atualizada. Presença terna e firme. Mulher forte e perseverante mesmo nos desafios e sofrimentos que enfrentou para cumprir a vontade do Pai, e fundar a congregação. Sinto-me agradecida pela oportunidade de digitar seu “Diário Espiritual” e organizar todas as suas cartas. Ao tomar em minhas mãos os cadernos manuscritos, ler suas experiências profundas, me senti emocionada. Abracei seus escritos e os beijei com reverência, pedindo-lhe licença para adentrar-me em sua interioridade. Enquanto ia digitando, tantas vezes rezei, fiquei emocionada, contemplei sua pessoa. Outras vezes foi convite, resposta, confirmação, daquilo que eu estava buscando. Foi graça entrar em contato com este tesouro e com tanto AMOR. Outra experiência intensa e marcante de conviver e acompanhar de perto Ir. Maria Celeste, nos dois últimos anos de sua vida. Quanta graça! Experiência de contemplar sua oferenda de amor e ser toda “consumida” para a glória da Santíssima Trindade. Sua entrega, seu despojamento de tudo, a pobreza radical de seu ser. Seu quarto era pra mim um

lugar sagrado; seu leito o altar da imolação, e sua pessoa, a grande oferenda de amor consumida para o louvor e a glória da Santíssima Trindade!

Tudo seja para o louvor e glória de Deus Uno e Trino!

Ir. Helena Teresinha Rech STS

Março de 2016

Ir. Maria Celeste, você despertou minha atenção para a interiorização e a contemplação do mistério da presença de Deus Trindade no profundo de meu ser. Sua presença incentivou-me a consagrar minha vida na contemplação da grande realidade: o ser humano, morada do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A valorizar a vida como santuário da presença do Deus Uno e Trino e as pessoas como “sacrários vivos da Trindade Santa”. Você semeou no meu coração o desejo da missionariedade, despertar os cristãos para esta verdade confortadora de que não estou só. Sua presença fazia-me desejar adentrar-me sempre mais na minha interioridade e encontrar aí o que tanto buscava e busco: alguém que preencha meu coração ansioso de algo além do horizonte. Obrigada, Ir. Maria Celeste por tudo o que você foi: mulher firme, forte e ao mesmo tempo, suave, simples, orante e contemplativa.

Ir. Irma Guarnieri STS

Caxias do Sul, janeiro de 2016

No ano que ingressei na congregação, em 1984, Irmã Maria Celeste já não era mais a Madre Geral. Decidiu fazer um passeio às comunidades espalhadas pelo Brasil, visitando as Irmãs. Estando em Itumbiara/GO, minha terra natal, onde existiam, na época, duas comunidades das Servas. Ela conheceu minha mãe. Desde vocacionada tinha muita vontade de conhecer, pessoalmente, essa mulher, mas somente meses depois que eu já tinha entrado na congregação é que tive a oportunidade de conhecê-la. Nosso primeiro encontro foi na casa de formação, no Rio de Janeiro. Ao deparar-me com ela olhando nos meus olhos e vindo ao meu encontro dizendo: “Essa é filha da mãe dela...”, trocando a palavra “cara” por filha, fiquei perplexa com tanta simplicidade, familiaridade, humildade. Dentro de mim desconstruía uma imagem que eu havia pré-fabricado de mulher distante, inatingível, de difícil acesso como se precisasse buscar e formular palavras especiais para me dirigir a ela.

Aos poucos, durante anos, fui conhecendo, me aproximando e me beneficiando como pessoa e Serva da Santíssima Trindade com a presença simples, materna e fecunda dessa mulher orante e adoradora da Trindade.

Entre tantos momentos marcantes, destaco o tempo do noviciado em que, durante alguns meses, eu e minhas duas companheiras de caminho saíamos do Rio de Janeiro para Miguel Pereira, lugar onde morava Ir. Maria Celeste na época, para estudarmos a história fundacional. Privilégio! Beber do manancial congregacional: fundação – espiritualidade – missão numa fonte original – a Fundadora.

Esse tempo foi marcado de muito estudo, aprofundamento, oração, celebrações e convivência. Tempo em

que conheci de perto a mulher-parturiente da congregação. Um ser profundamente maternal como tantas outras mães que, na educação dos seus filhos, conseguem ser firmes sem perder a ternura. Em meio à seriedade e chamadas de atenção de nós, noviças, estavam os momentos descontraídos, brincadeiras de esconde-esconde com chocolates.

Ah! Quantas alegrias e descobertas! Sua dedicação em preparar um material fotográfico para ministrar as aulas marcou-me profundamente. Seu jeito profundo, delicado e emocionante de fazer a memória, sendo ela, a história viva, ficou registrado em meu coração, principalmente as emoções que brotavam ao relatar fatos marcantes, incluindo luzes e sombras, dores e alegrias.

Poucas e pobres são as palavras que expressam meu testemunho em relação à Irmã Maria Celeste, por isso termino afirmando que essa mulher, de verdade, foi uma SERVA adoradora da Trindade e não economizava esforços para proclamar com palavras e atitudes que a Santíssima Trindade habita em toda pessoa humana.

Ir. Silvânia Aparecida Pereira Coelho STS

Rio de Janeiro, fevereiro de 2016

Lembro-me que na primeira palestra de que participei como trinitária leiga, Ir. Maria Celeste mostrou-nos o rosto misericordioso do Pai através de um fato vivido por São João Maria Vianey. Esse primeiro encontro marcou-me fortemente.

Irmã Maria Celeste, com sua presença forte e caris-

mática, me fez renascer espiritualmente, despertando em mim, com ardor, o Amor a Deus Uno e Trino.

Impressionou-me sempre a maneira como Irmã Maria Celeste nos falava da Trindade, de sua sede e desejo de que o Amor Trinitário fosse anunciado e vivido por todos nós.

Ormindá Marques Fonseca

Leiga Trinitária – Rio de Janeiro, 2016

Anexos

Orações compostas pelas irmãs

Contemplação da oferta de vida de Maria Celeste

Parece um leito de dor,
Mas contemplando na fé, é um altar de amor!

Parece que a força virou fraqueza,
Mas contemplando na fé, é uma oferenda na mais pura
leveza!

Parece que a vida se tornou paixão,
Mas contemplando na fé, é semente de ressurreição!

Parece que há súplica em seu olhar,
Mas contemplando na fé, é materna voz a nos falar!

Parece que vivemos a orfandade,
Mas contemplando na fé, é presença intensa da Amada
Trindade!

Parece que só ficaram marcas de uma vida temporária,
Mas contemplando na fé, é pão partido na mesa trinitária!

Parece que chegou ao fim,
Mas contemplando na fé, é começo, é caminho novo pra
você e para mim!

Então prossigamos... ultrapassando as aparências!
E na contemplação, deixemo-nos conduzir pela essência.

Ir. Gelza Maria F. Ribeiro STS

São Paulo, 08 de agosto de 2004

Súplica à irmã Maria Celeste

Irmã Maria Celeste.

Tu foste apaixonada pela Trindade,

Seduzida por seu amor desde menina,

– **Intercede por nós, tuas filhas, pelos trinitários e Servos.**

Apaixona nosso coração pela Trindade, presente em nós e na História.

Tu, por um amor Absoluto,

consumiste tua vida pela glória da Trindade,

Entregando-te totalmente em suas mãos providentes,

– **Intercede por nós para que consagremos e entreguemos**

toda nossa vida “para a glória da Trindade”.

Tu, com coragem e ousadia vencestes obstáculos, abristes caminhos

e, com a lucidez de nem sempre tudo ver com clareza,

respondestes sim ao Carisma trinitário

encarnando-o em tua vida e na história.

– **Intercede por nós, para que no discipulado de Jesus sejamos audaciosas na missão e fiéis à vocação.**

Tu que sempre apontaste o “norte trinitário”

E nos confiaste esta missão,

– **Intercede por nós para que sejamos “servas bússolas” apontando o mesmo “norte”, com paixão e ousadia, abrindo frentes novas onde o Pai nos apontar.**

Tu foste silenciosa e contemplativa,
Adoradora da Trindade e missionária incansável,
– **Intercede por nós junto à Trindade,**
para que sejamos mulheres de unidade, integrando:
silêncio contemplativo e contemplação missionária;
adoração apaixonada e solidariedade contínua,
despojamento pessoal e compromisso com os excluídos.
Seguindo teu exemplo, sejamos Servas “guardadoras”
da Palavra
e anunciadoras da presença inefável da Amada Trindade
em todo ser humano e na criação. Amém!

Ir. Helena Teresinha Rech STS

05/09/2012 – 8º. Ano da ressurreição de Ir. Maria Celeste



*“Sejamos pessoas de oração. De uma oração que impulsione à
ação, a uma ação inspiradora na oração, de maneira que, de
simples, cômodas e tranquilas admiradoras de Deus, passemos
a ser suas mais dinâmicas e engajadas colaboradoras.”*

(Ir. Maria Celeste Ferreira STS)

Ladainha

MARIA CELESTE,

Mulher sede: Senhor, dá-me de beber de tua fonte de vida.

Mulher Fogo: transforma-me Trindade e aqueça meu coração com tua Palavra.

Mulher bússola: dá-me orientação e coloca-me nos teus caminhos.

Mulher oferente: toma meu coração... nele só haja teu amor.

Mulher pobre: esvazia-me, Senhor, e preenche-me com tua amável presença.

Mulher contemplativa: ensina-me o silêncio interior para escutar e ver a essência de tudo.

Mulher adoradora: sejas Tu, Trindade Amada, o centro da minha vida.

Mulher da Hora: faz-me vigilante à espera de tuas chegadas.

Mulher alegre: dá-me, ó Divina Ruah, o dom do júbilo Pascal.

Mulher comprometida: dá-me a graça da compaixão e da mesa da inclusão.

Mulher batizada: mergulha-me no Amor Trinitário e nas dores da humanidade.

Mulher audaciosa: dá-me fibra para nunca desistir e defender a dignidade da vida.

Mulher ternura: livra-me da esterilidade e faz-me espaço fecundo de vida.

Mulher sincera: dá-me o sabor da verdade que liberta.

Mulher discernimento: ensina-me a ler os sinais dos tempos e colocar-me a caminho.

Ir. Gelza Maria Freitas Ribeiro STS

Por ocasião dos 60 anos de Fundação da Congregação,
2006

Oração à Ir. Maria Celeste

Ó Serva da Santíssima Trindade,
Ir. Maria Celeste Ferreira, ajuda-nos
a buscar em tudo a glória de Deus!
Interceda ao Pai, em nome de Jesus,
para que nos envie o Santo Espírito!
Espírito de discernimento para as horas
de decisões, Espírito de Luz para iluminar
todas as trevas e que jamais
percamos Jesus de vista!
Na oferenda feliz e radical de sua vida,
experimentaste o esvaziamento da cruz
e o júbilo da ressurreição no Filho Amado!
Abençoa, com sua ternura de mãe, nossas
famílias, filhos e filhas, nossas comunidades
trinitárias, nossos trabalhos para uma
sociedade à luz da comunidade melhor:
a Santíssima Trindade!
Glória ao Pai,
Glória ao Filho
e Glória ao Espírito Santo! Amém!

Autora: Gelza Maria Freitas Ribeiro, sts



ISBN 978-85-7785-469-1

